

# Por que Laplanche?

In: *Percurso*, 56/57, jun./dez. 2016

186

percurso 56/57: jun./dez. 2016

**paulo roberto ceccarelli**

Laplanche nos dá pistas importantes a respeito do intrincado legado freudiano sobre a assunção subjetiva do sexo e do gênero e, por consequência, da constituição do psiquismo.

Através de uma rigorosa leitura da obra de Freud – “colocando a teoria para trabalhar”, como ele sempre dizia –, Laplanche retoma, a seu modo, a singularidade da descoberta freudiana, trazendo

elementos de reflexão sobre a alteridade interna, sobre o estranho (*Unheimlich*) que surge lá onde, e quando, menos esperamos. Para Laplanche, a “situação antropológica fundamental” do humano faz com que os primeiros movimentos constitutivos do psiquismo, os “significantes enigmáticos” impregnados da sexualidade inconsciente do outro primordial, assumam um caráter traumático.



*o sexo anatômico  
não garante, a priori,  
os processos identifi-  
de gênero*

Essas “mensagens” carregadas de um excesso intraduzível, responsável pela instauração do pulsional, são incompreensíveis tanto para o adulto, quanto para a criança que se sente invadida por uma excitação não simbolizável.

Se, em Freud, tanto a identidade feminina quanto a masculina são calcadas no biológico, Laplanche traz para o debate as dificuldades em discutirmos as questões de gênero em Freud, pois este último não teria utilizado esse termo: em alemão, a palavra *Geschlecht* designa tanto sexo, quanto gênero. Entretanto, não lhe passou despercebido que Freud fala de uma forma de classificação, que começa numa etapa anterior à percepção da diferença anatômica, e que, atualmente, chamaríamos de “segundo o gênero”. Trata-se do texto de 1908, *Sobre as teorias sexuais das crianças*, no qual Freud nos convida a imaginar uma situação em que, despojados de nossa “existência corpórea”, isso é, livres das amarras da anatomia, e como “seres puramente pensantes” vindos de outro planeta, chegássemos à Terra. Nesse planeta desconhecido, o que mais nos chamaria a atenção, continua Freud, seria a existência de dois seres. Porém, a distinção entre eles seria feita pelos “sinais externos mais óbvios”. Isto é, sem levar em conta os caracteres anatômicos da diferença sexual.

Consequentemente, a primeira distinção homem/mulher não leva em conta “a diversidade dos órgãos sexuais”. (Cabe aqui um parêntese para chamar a atenção para um erro de tradução grave em consequências para o leitor brasileiro da Standard Edition. No texto em português lê-se “diferença” – *Unterschied* – dos órgãos genitais, onde Freud fala de “diversidade” – *Verschiedenheit* – dos

órgãos sexuais. A edição brasileira traduz, indistintamente, *Unterschied* e *Verschiedenheit* por diferença). Com efeito, observa Laplanche, não haveria nenhuma razão para que a criança pensasse que só existiriam dois órgãos (diferença) sexuais, como bem o sugerem as teorias sexuais infantis. Na fase das fantasias pré-genitais, a diversidade impera, o que leva a criança a imaginar a existência de um terceiro ou quarto sexo. A possibilidade de outras partes do corpo – a boca, ou o ânus – serem tomadas por órgãos sexuais é amplamente discutida nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, e sustentada pela clínica.

Sem dúvida, existe em Freud uma classificação segundo o gênero, anterior à percepção da anatomia, da castração, cuja base é a primeira distinção que fazemos “com certeza total” entre “masculino ou feminino” (*Männlich oder weiblich*) [homem e mulher na Edição Brasileira] quando encontramos um ser humano.

Se a apreensão dos gêneros se faz sem levar em conta o órgão sexual, o que distingue os gêneros não é o sexo anatômico; e o sexo anatômico não garante, *a priori*, os processos identificatórios de gênero. A presença ou a ausência do órgão genital masculino ou feminino (sexo) não constituem garantia que o sujeito se coloque do lado dos homens ou do das mulheres (gênero), como nos mostram as transexualidades. As categorias binárias de gênero são dadas à criança desde cedo e não levam em conta movimentos pulsionais. Talvez seja por isso, sugere Laplanche, que não encontremos uma “teoria de gênero” em Freud. Trata-se, finalmente, de dois movimentos distintos que ocorrem em momentos diferentes: um, a distinção dos gêneros; outro, a diferença dos sexos. Entretanto, ainda que a aquisição dos atributos de gênero venha antes da percepção da diferença anatômica, o que determina o gênero é o sexo; é olhar de quem “vê” o sexo da criança.

Imersa, desde antes de seu nascimento, no imaginário que acolhe a criança quando de sua chegada ao mundo, ao nascer ela responde, sem questionamentos, ao universo cultural e discursivo

que determinam o lugar que ela deve ocupar de acordo com o gênero que lhe foi atribuído.

O que leva uma criança a dizer que é menino ou menina é a consolidação de uma crença que começa pela designação do sexo, e pela inserção nas categorias de gênero do recém-nascido, feitas pela pessoa que presenciou o nascimento. É a partir dos dados anatômicos do bebê, pela designação do sexo, que essa pessoa vai “inserir-lo” na categoria de gênero que, culturalmente, corresponde a ela – a criança – deverá responder em acordo com sua anatomia. Inicia-se, assim, a construção de uma crença, sustentada pelo registro no cartório civil, que levará o recém-nascido a dizer que ele é menino ou menina, dentro do binarismo de gênero. (Os chamados “intersexos” mostram, às vezes de forma dramática, o peso do olhar do outro, na determinação do sexo e, posteriormente, do gênero).

Os Estudos de gênero e a teoria *Queer* vêm, há anos, denunciando o quanto a rigidez do binarismo de gênero – masculino e feminino – cria mecanismos de dominação e controle, além de determinar “grupos desviantes”: os que não respondem à heteronormatividade. Segundo os autores que trabalham nesse campo de estudo, não

existem relações de coerência, e continuidade, entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Tais proposições teórico-clínicas interpelam de forma aguda alguns pressupostos psicanalíticos relativos à aquisição da identidade sexualizada, e Laplanche não recua frente ao desafio.

Discutindo as posições de autores que trataram o tema, Laplanche propõe ser o gênero resultado de uma designação, uma atribuição. Enquanto para Butler o gênero é uma performatividade, pois realizamos performances relativas ao gênero ao qual pertencemos, Laplanche entende que a designação comporta vários elementos: linguagem falada e corporal, atos, mensagens conscientes e inconscientes. Elementos estes que compõem a atribuição de um gênero ao recém-nascido.

A partir do momento em que os psicanalistas começam a ouvir as variáveis presentes na determinação do gênero, sem teorizá-los como um desvio em relação ao discurso binário hegemônico, e sem se sentirem ameaçados pelo retorno de mensagens enigmáticas recalçadas, as designações de gênero, assim como as relações entre o gênero, o sexo e o sexual, ganham espaço na pesquisa psicanalítica.